

Tema 1 – Financiamento da Ciência

Sou o responsável pelo Instituto de Ciência e Engenharia de Materiais e Superfícies (ICEMS, IST, Lisboa), mas esta minha intervenção deve ser entendida como sendo estritamente a nível pessoal, não reflectindo necessariamente os pontos de vista dos meus restantes colegas.

De um modo geral, concordo com a análise feita no documento. Gostaria no entanto de adicionar alguns pontos, nomeadamente no que se refere à FCT, o principal organismo financiador a nível nacional.

- A FCT lança com alguma frequência concursos para projectos de I&D em todas as áreas, com um formulário online de grande complexidade e de preenchimento bastante moroso. No entanto, não se sabe à partida a verba existente para cada “call”, nem a taxa esperada de sucesso. Esta, apesar de quase todos os projectos financiados apenas o serem com uma fracção do orçamento inicialmente proposto, tem vindo a diminuir progressivamente nos anos mais recentes e penso que se situa actualmente abaixo dos 10%, o que é baixíssimo. Em relação ao concurso que fechou em Dezembro de 2009 e cujos resultados agora foram conhecidos, são poucos os projectos que terão sido financiados (embora não disponha de números globais), sabendo-se inclusive de alguns casos em que a classificação de todos os critérios (A a D) foi Excelente e, mesmo assim, os projectos não foram financiados. A FCT tinha anunciado em 2009 que estes concursos passavam agora a ser anuais, mas com tal taxa de rejeição isso significa uma brutal perda de tempo pela maior parte dos investigadores, que se torna proibitivo repetir ano após ano sem sucesso. Constata-se assim que os 15% do financiamento global que a FCT dedica a projectos de I&D (dados de 2008) são claramente insuficientes. Penso que uma das áreas onde a FCT poderia poupar é em financiamentos sem concurso aberto e transparente (tal como os vários e dispendiosos intercâmbios estabelecidos entre a FCT e o MIT, a Univ. Carnegie-Mellon, a Univ. do Texas em Austin, a Harvard Medical School, os Institutos Fraunhofer, etc., etc. ...), mas também no badalado programa Ciência Viva, que já leva vários anos de vultuosos financiamentos, mas cuja utilidade é bastante

duvidosa, visto que nunca se fez qualquer balanço dos seus resultados, nem sequer se notou qualquer aumento de apetência dos estudantes do secundário pelas áreas científicas e técnicas, antes pelo contrário, como é sabido.

Outra constatação é que, para simplificar as tarefas de avaliação (cuja data de conclusão nunca nos é anunciada), seria bom que a FCT abrisse concurso para projectos em períodos diferenciados no tempo para cada área, em vez de as juntar todas ao mesmo tempo. E, se possível, que definisse de vez em quando algumas áreas prioritárias em que poderia investir mais dinheiro, ainda que à custa de eventual redução no financiamento destinado a outras áreas. Claro que as áreas prioritárias poderiam depois ir variando rotativamente, para não se contemplarem sempre os mesmos domínios de actividade científica.

Ainda em relação aos projectos de investigação, são duvidosos os critérios adoptados pelos diferentes painéis de avaliação, os quais são sempre grupos de cientistas estrangeiros que parecem por vezes mal enquadrados, na medida em que muitas vezes se recusam a financiar grupos com reputação internacional estabelecida durante anos a fio, ou não cuidam de financiar por exemplo projectos apresentados por jovens investigadores contratados CIENCIA (2007 ou 2008), os quais não vieram para Portugal para depois não terem acesso a financiamentos mínimos que lhes permitam arrancar com alguma actividade significativa. Isto para além do facto de os exercícios de avaliações periódicas efectuados pelos muitos painéis de cientistas estrangeiros cuja deslocação a Portugal a FCT financia na totalidade por vários dias se traduzir, só por si, num dispêndio muito significativo de verbas que não sobram para outras rubricas.

Por outro lado, desde há bastantes anos que deixou de haver, por parte da FCT, um acompanhamento científico mínimo dos projectos de I%D em curso, efectuando-se apenas um depósito anual de relatórios no site da FCT, os quais não têm depois qualquer “feedback” por parte da FCT.

Finalmente, ao contrário do que sucede noutros países europeus, nos EUA, no Japão, Austrália ou Brasil, por exemplo, a actualização dos equipamentos de

investigação científica experimental faz-se em Portugal a um ritmo muito abaixo do desejável, havendo a salientar nas últimas décadas apenas dois programas de Re-equipamento de vulto, nomeadamente em 1991-1992 (o que deu origem a muitos dos actuais centros e institutos que são objecto do Financiamento Plurianual da FCT) e, mais recentemente, um que abriu em 2002, cujos resultados só foram comunicados em 2004-2005 e cuja aquisição de equipamentos se prolongou nalguns casos até 2008. Fora isto, não houve mais nenhum programa de Re-equipamento, nem se sabe quando irá surgir o próximo.

Nestas condições, é muito difícil ser-se competitivo em Ciência experimental e pode concluir-se que a FCT não dispõe de facto de financiamento suficiente, sobretudo no que toca a projectos de investigação e Re-equipamento.